

A construção do pensamento arqueológico no caso de Stonehenge: três tempos de significados (1880-2022)

Palavras-chave: Stonehenge; Arqueologia; Revisão Historiográfica.

Aluna: Sofia Helena Cardoso Rodrigues – IFCH - UNICAMP

Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari – IFCH - UNICAMP

RESUMO

O presente trabalho apresenta os progressos de nossa pesquisa de Iniciação Científica na área de Arqueologia – em particular a que pauta o monumento pré-histórico Stonehenge. Com base numa análise do pensamento arqueológico e sua respectiva imersão em diferentes tempos históricos e consequentes influências externas, investigamos a construção de significados sobre o megalítico em três temporalidades diferentes. São elas: 1880-1960, na qual há o nascimento da Arqueologia enquanto ciência empírica e onde movimentos externos como nacionalismo e imperialismo são os principais margeadores de perspectiva dos pesquisadores; 1960-1980, período em que há uma maior polarização e popularização das vertentes de produção sobre o megalítico; e 1980-2022, onde a patrimonialização pela UNESCO, o crescimento do turismo capitalista e a especialização do estudo do campo são novas variáveis à conjuntura já plural da existência do monumento.



Fonte: English Heritage

APRESENTAÇÃO DA DISCUSSÃO

Stonehenge é um monumento megalítico, isto é, formado por pedras maciças recortadas de uma estrutura geológica natural, localizado em Wiltshire, na Inglaterra. Conhecido de modo geral pela sua imponência, é uma das maiores edificações da **Pré-História europeia**. Seu pertencimento à sociedade é demonstrado por ser evidência do passado, bem como de um presente que o estuda. Ou seja, além de ser um dos inúmeros objetos de estudo de pré-historiadores e arqueólogos, está presente no imaginário popular – hoje e há séculos. Reconhecido em 1986 como **Patrimônio Mundial Cultural da UNESCO**, tem sido revisitado por inúmeros curiosos e pensadores. Mas, além disso, a partir de sua aquisição pela **English Heritage**, instituição de zelo governamental de monumentos da Inglaterra, tornou-se **ponto turístico**, pertencente aos rumos de uma nova contemporaneidade.

Aliado com os museus de sua região, como *Salisbury Museum*, *Wiltshire Museum* e *Wessex Gallery*, é hoje possibilidade de ensino informativo à população geral, seja

em âmbito nacional, ou internacional. Junto às iniciativas de canais televisivos e marketing, somado com o imaginário ficcional (literatura, cinema, etc.), Stonehenge encontra-se difundido, no mínimo como referência simbólica (ou histórica), pela sociedade do presente.

Com efeito, o estudo metodológico que a academia pode fornecer é o passo fundamental para que o público tenha acesso às narrativas de valor histórico, ao menos para ponderação do estrutural *versus* alegórico. Assim, em propósito duplo – público/academia, Stonehenge é objeto elementar. Porém, todas essas narrativas e discussões que hoje perpassam as fronteiras da academia são resultados de seus próprios tempos históricos. Inicialmente um nacionalismo, depois cientificismo, e, depois, turismo capitalista são variáveis que interferiram na produção de conhecimento, e, logo, na recepção deste mesmo pelo público.

Mas, tal situação tem sido cultivada há séculos. Nênio (850 d.C.), Giraldus Cambrensis (1187 d.C.), e de modo particular Geoffrey de Monmouth (1140 d.C.), no cerne da Idade Média, são as primeiras evidências de descrições e relatos

de observação – enquanto inserção do objeto no sistema de lógica (PETRIE, 1880). Parker Pearson (2013), arqueólogo do século XXI, denomina tais iniciativas como “pseudo-história”. Mesmo que com forte presença de elementos subjetivos e fabulosos, são resultado da observação, e tentativa de compreensão, do passado por um momento posterior a ele.

Mais tarde, inúmeros antiquários já da Modernidade, como Inigo Jones (1655), John Aubrey (1666), William Stukeley (1740), Colt Hoare (1812,1821) e William Cunnington (1883), entre outros eruditos, iniciaram um modelo de observação – desta vez através da investigação e escavação física, a mando dos reis de suas épocas. E, ainda, com o que Sir Arthur Evans (1889) chama de avanço científico, que pode ser interpretado como a consolidação da Arqueologia e humanidades por um todo como acadêmicas dentro da ascensão do método científico empírico, Stonehenge passa a ser objeto de estudo de instituições de pesquisa nacionais, tendo escavações promovidas por acadêmicos de universidades a partir da segunda metade do século XIX.

OBJETIVOS

Objetivo geral: Apresentar uma revisão crítica sobre produções historiográficas respectivas a Stonehenge, contextualizadas para com seu próprio tempo de publicação. Isto é, além de compreender aspectos gerais sobre o contexto pré-histórico no qual o megalítico se insere, nosso objetivo principal é elucidar a forma com que tais aspectos têm sido identificados, abordados e compreendidos pelas produções bibliográficas, que selecionamos como fontes primárias, ao longo das temporalidades propostas (1880-2022).

Objetivos específicos: **1.** Na primeira temporalidade (1880-1960), demonstrar a institucionalização da Arqueologia enquanto pesquisa acadêmica em Stonehenge, bem como a inserção do estudo de caso na produção geral de um conhecimento historiográfico em ascensão pautado pelos movimentos iluministas, empiristas e nacionalistas da época, por meio da publicação de **Stonehenge: Plans, Descriptions, and Theories** (PETRIE, 1880) e fontes auxiliares; **2.** Na segunda temporalidade proposta (1960-1980), refletir sobre o aparecimento de preocupações externas à Arqueologia enquanto disciplina e consequentes atribuições de significados culturais. Ademais, entender o surgimento de uma área especializada de estudo do monumento, suas respectivas características e diálogos internos, por meio de **Stonehenge** (ATKINSON, 1951), **Stonehenge Decoded** (HAWKINS, 1965), e fontes auxiliares eleitas; **3.** E, com o uso da terceira (1980-2020), fazer um panorama final sobre a interlocução das fontes ao longo do tempo. Além de dialogar as obras aqui constadas como fontes primárias, temos por objetivo expor um panorama oferecido por fontes secundárias escritas nesta mesma temporalidade, e suas interrelações com problemáticas novas, tal como turismo, ressignificações simbólicas e patrimonialização.

METODOLOGIA

Para realização do diálogo, apresentamos a interpretação das fontes eleitas por nós como primárias que permitem o esclarecimento dos posicionamentos históricos de seus autores quanto à temporalidade na qual estão inseridos. De igual maneira, fazemos uso de fontes “primárias auxiliares” e materiais secundários na medida em que nos oferecem panoramas que o estudo de fontes específicas das temporalidades não pode. Ademais, fazemos o uso também de bibliografias teóricas, pois, além de serem chave para identificação dos fluxos gerais do estudo da História e da Pré-história, bem como as diferentes particularidades da historiografia, auxiliaram na compreensão do diálogo entre os pesquisadores do estudo de caso.

RESULTADOS FINAIS

Tal apresentação é fruto de um ano e meio de pesquisas fomentadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Como resultado, temos a elaboração de uma monografia de conclusão de curso. Em um texto dividido em seis capítulos, fazemos uma retomada detalhada da existência pré-histórica de Stonehenge, com seus respectivos movimentos de construção, estruturas e contexto geográfico local geral, bem como abordamos também, inicialmente, as primeiras iniciativas de pensamento e estudo quanto a ele, já em Idade Medieval e Moderna. A partir de então, no terceiro capítulo propriamente dito, iniciamos a análise das fontes da primeira temporalidade. Flinders Petrie, arqueólogo do campo, é o primeiro a propor uma metrologia de medição das estruturas do monumento, e é, pois, nossa primeira fonte primária, com seu **Stonehenge: Plans, description and theories** (1880). Aliado a ele e a fontes secundárias teóricas, temos três outros nomes, os quais chamamos de fontes primárias auxiliares: Arthur Evans (1888), William Gowland (1902) e William Hawley (1920-28), que contribuem para a compreensão da temporalidade quanto aos movimentos externos de: Iluminismo, racismo científico, fomentação de museus, criação de sociedades, nacionalismos, imperialismos e demais movimentos. Após isso, fazemos um quarto capítulo de interposição destes primeiros pensadores para com seus fluxos externos, e por vezes burocráticos, tal como evento de privatização e estatização do terreno do monumento, associação ao *Office of Works*, mesas de discussão, etc. Já no quinto capítulo, nos ocupamos de uma avaliação da segunda temporalidade, pautada pelo estudo de Richard Atkinson e sua obra **Stonehenge** (1956) e Gerald Hawkins, astrônomo, com o livro *best-seller Stonehenge Decoded* (1965), apoiados pela leitura das fontes

primárias auxiliares de Alexander Thom (1966) e Fred Hoyle (1977). Aqui, problematizamos o lugar de fala da Astronomia, enquanto ciência, ao se apossar das narrativas estudadas pela Arqueologia, porém sem a metodologia da mesma – e qual o impacto disso no grande público.

Por fim, antes das conclusões finais, fazemos um último capítulo relacionado à terceira temporalidade, aquela que nos inserimos enquanto historiadores do tema: 1980-2022. Além de ser pautada, pela primeira vez, pela existência de uma área constante de pesquisa acadêmica do campo, ela conta com o surgimento de problemáticas que ainda estão em voga, ao contrário das questões das temporalidades anteriores, por vezes extintas (como o racismo científico aplicado ao estudo de Stonehenge, por exemplo). São elas: patrimonialização, turismo econômico, ressignificação e novo uso primário do monumento por religiões neopagãs e globalização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte disponível em; <https://www.english-heritage.org.uk/>. Acesso em: 21 de jul de 2021.

PEARSON, M. P. *Stonehenge, a New Understanding*. New York: The Experience, 2013.

ATKINSON, R. J. C. *Stonehenge*. London: Hamish Hamilton, 1956.

HAWKINS, G. S. *Stonehenge Decoded*. Garden City NY: Doubleday, 1965.

PETRIE, W. Flinders. *Stonehenge: Plans, description and theories*. London: Edward Stanford, 1880.